VOLUME 8

RIAGE
REVISTA IBERO-AMERICANA DE GERONTOLOGIA

Extensão Universitária com idosos: relato de experiências de estudantes de psicologia com oficinas artísticas e seus impactos no envelhecer

University Extension with Older Adults: Psychology Students' Experiences with Artistic Workshops and Their Impact on Ageing

Talita Baldin[1], Alice Rodrigues[1], Ana Moraes[1], Ana Targino[1], Ana Valladares[1], Bruno Santos[2], Josiane Felix[2], Juliana Mpalantinos[1], Lilian Almeida[2], Olga Reis[1], Tathiane Andrade[1], Viviane Codeço[2], Yara Brotto[2]

1- Faculdade Maria Thereza
2- Universidade Castelo Branco
3- Unilassale
Corresponding author: talita.baldin05@gmail.com

Informação do artigo
Recebido: 31/03/2025
Revisto: 04/05/2025
Aceite: 30/06/2025

This work is licensed under Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 International

RESUMO

O presente trabalho relata as experiências de três grupos de estudantes de psicologia de duas instituições de ensino localizadas no município de Niterói, Rio de Janeiro, Brasil. Como metodologia foram utilizadas oficinas artísticas com o objetivo de facilitar que participantes acima de 60 anos pudessem falar sobre seus processos de envelhecer. Como resultado das distintas atividades encontramos em comum efeitos positivos da possibilidade de escuta que se desenvolveu com a troca de experiências e narrativas, a percepção de que o espaço grupal pode ser considerado um lugar de acolhimento para as angústias individuais, inclusive para as perdas que acompanham o processo de envelhecer; e a percepção de que a formação de vínculos na velhice pode potencializar este momento da vida como lugar de criação e mútuas trocas.

Palavras-chave: Velhice; Psicanálise; Grupalidade; Extensão Universitária; Narrativas.

ABSTRACT

This paper reports on the experiences of three groups of psychology students from two higher education institutions located in the city of Niterói, Rio de Janeiro, Brazil. Artistic workshops were used as a methodology to facilitate discussions among participants aged 60 and over about their ageing processes. As a result of the various activities, common positive effects were found, including the development of a space for listening through the exchange of experiences and narratives; the perception that the group setting could be a place of support for individual anxieties, including

those related to losses that accompany the ageing process; and the recognition that bond formation in old age can enhance this life stage as a time of creativity and mutual exchange.

Keywords: Old age; Psychoanalysis; Group dynamics; University extension; Narratives.

INRTODUÇÃO

A inversão da pirâmide etária é uma realidade em todo o mundo e no Brasil, onde se desenvolveu essa pesquisa, não é diferente: de 2000 a 2023 a proporção de pessoas com 60 anos ou mais quase dobrou, efeito da diminuição da taxa de fecundidade e aumento da expectativa de vida, especialmente em virtude dos avanços tecnológicos e da melhora das condições gerais de saúde (Cypreste[1]). No período acima, no Brasil, os idosos passaram de 8,7% para 15,6% da população, e já superou a quantidade de pessoas na faixa de 15 a 24 anos. Para 2070, a perspectiva é de que chegue a 28% da população do país, sendo a maior faixa populacional.

As consequências desse fenômeno são visíveis em diversas áreas: pessoas idosas se fazem mais presentes em espaços públicos e privados, academias, universidades, ocupando cargos de liderança, fazendo viagens, iniciando novas carreiras, experimentando coisas novas. Socialmente outras consequências também se fazem presentes, as quais vão desde as preocupações do Estado com a extensão da faixa atendida pela previdência social e suas consequências para os cofres públicos, até como pensar em alternativas para manter essas pessoas ativas no contexto social.

Quanto a este último ponto, que é o que nos cabe discutir nessa pesquisa, temos encontrado resultados interessantes desde 2009, quando iniciamos os estudos na temática e também o trabalho com grupos de idosos na Universidade Aberta para a Terceira Idade, Instituições de Longa Permanência e centros de convivência para idosos (Correa & Justo[2; 3] Bezerra; Baldin & Justo[3]; Baldin & Vidal[4]; Correa & Rozendo[5]). Essas pesquisas, dentre outras, têm em suas conclusões a perspectiva de que envelhecer participando ativamente de grupos sociais é uma estratégia que tem se mostrado protetiva em termos de saúde mental.

Este relato de experiência apresenta as atividades desenvolvidas em um grupo de pesquisa que trabalha com a arte como forma de facilitar a fala de idosos acerca do processo de envelhecer. As atividades relatadas aconteceram entre agosto e dezembro de 2024 em três espaços distintos do município de Niterói, região metropolitana do estado do Rio de Janeiro: um deles ocorreu em um serviço de atendimento a mulheres, outro em um centro de convivência destinado à terceira idade e o terceiro em espaços abertos, de modo menos estruturado. A metodologia utilizada nas atividades foram as oficinas artísticas, organizadas utilizando-se de recortes de revista, fragmentos da literatura, escrita e fotografia, com a participação de em torno de 40 pessoas mais 10 estudantes. Os encontros se voltavam para a criação de espaços em que narrativas de vida pudessem ser ouvidas e verificar como elas impactam as experiências de outras pessoas, que as escutam. Ao fim, visa-se avaliar os impactos dessas

atividades tanto no grupo de participantes, quanto nos estudantes-pesquisadores.

METODOLOGIA

O trabalho iniciou em abril de 2024, com um grupo de leitura, cuja finalidade foi estudar o envelhecimento à luz da psicanálise (abordagem teórica que embasa a escuta do estudo) e narrativas, tendo a arte como suporte para o narrar. Desde este momento iniciou-se a construção de projetos de extensão, cujo objetivo seria abordar as temáticas de modo empírico, a partir da escuta de outras pessoas. Com os projetos escritos, os quais foram nomeados de "Antes tarde do que nunca", "Oficinas Artísticas e Terceira Idade" e "*Conversas para envivescer*", iniciamos as atividades práticas em dois espaços geridos pela prefeitura municipal, respectivamente um nas políticas públicas para mulheres e outro da Secretaria do Idoso, e em um parque público, os quais aconteceram ao longo do segundo semestre de 2024.

Para a execução das oficinas a metodologia envolvida foi a construção de grupos com número de participantes variado e tendo como ferramenta diversas abordagens artísticas. Nas três oficinas participaram oito alunos e em torno de 40 participantes, cada uma com suas particularidades e *modus operandi*, mas objetivando constituir-se espaço de escuta, socialização e troca de experiências.

RESULTADOS

"Antes tarde do que nunca"

O projeto foi realizado no Centro Especializado de Atendimento à Mulher (CEAM), em parceria com a Coordenadoria de Políticas Públicas e Direitos das Mulheres de Niterói, Rio de Janeiro, Brasil; e desenvolvido por quatro extensionistas, alunas de um curso de graduação em psicologia. Ele contou com a participação de quatro mulheres com mais de 60 anos, sendo realizados dez encontros, semanalmente, com duração de uma hora cada, entre os meses de agosto e outubro de 2024. O objetivo do trabalho foi promover um espaço de trocas de experiências, onde as participantes pudessem relembrar, expressar e ressignificar momentos de sua história e do processo de envelhecimento em uma abordagem sensível. Procurou-se também ressaltar a importância do trabalho em grupo para a criação e fortalecimento de vínculos, pois ao compartilharem suas angústias, sofrimentos, lutos e desafios presentes no processo de envelhecimento, podem fortalecer e ampliar suas redes de apoio. Como ferramenta, fez-se uso de oficinas de pintura, colagem e origami, rodas de conversas e experiências musicais; sendo que para cada encontro foi escolhida uma atividade de quebra-gelo e uma oficina artística, que tinha por objetivo a construção de um espaço de escuta, no qual a arte pudesse ser disparadora da produção e trocas de narrativas entre as participantes.

Das quatro participantes do grupo, três eram muito ativas e uma delas, após passar por lutos marcados por aposentadoria e adoecimento, se mantinha mais em casa. Duas delas participavam também de outras atividades grupais e, em comum, as quatro faziam aulas de pandeiro na *Oficina das Minas.* Para uma delas esse projeto foi a possibilidade de retomar a participação em atividades sociais, convívio grupal, superação e adaptação à nova rotina.

 ISSN: 2795-559 · DOI: 10.61415/riage.364

Cada participante foi encontrando seu lugar no grupo e identificações foram surgindo, o que favoreceu construções de vínculos afetivos e amizades. Ao longo dos dez encontros, foi possível perceber que a experiência grupal se apresenta como uma ferramenta essencial para as intervenções com idosos. Por meio delas cada participante pôde se expressar, posicionar, manifestar suas preferências, compartilhar opiniões sobre os temas abordados e relembrar histórias do passado, evocando e trabalhando memórias. A experiência musical foi a mais bem aceita por todas.

Presenciamos gestos de carinho e cuidado entre as participantes, que diziam ser "mães e filhas" (referindo-se às extensionistas) e, entre os temas das conversas nos encontros prevaleceram as dificuldades em lidar com os mais diversos lutos que acompanham o processo de envelhecimento, tais como os desafios em relação ao cuidado de familiares também idosos, conflitos familiares, saída do mercado de trabalho e ressignificação deste momento da vida, em que as participantes se percebem envelhecendo, embora não se considerem velhas.

"Oficinas Artísticas e Terceira Idade"

O projeto "Oficinas Artísticas e Terceira Idade" foi realizado em parceria com a Secretaria do Idoso do Município de Niterói, Rio de Janeiro, Brasil, onde ocorre o projeto *Niterói 60 UP*, que oferece diversos serviços à população idosa do município. Desenvolvido por quatro extensionistas, estudantes de psicologia, o projeto aconteceu especificamente durante a roda de conversa, um dos serviços oferecidos pelo projeto.

Foram realizadas duas oficinas, abertas a todos os participantes que fossem no dia do encontro. O objetivo do trabalho era levantar questões que atravessam o percurso do envelhecimento, além de construir um espaço de troca para os participantes acerca de suas histórias de vida, em que se torna possível as identificações e o estabelecimento de novos vínculos, apostando no poder que o trabalho em grupo tem de transformar e ampliar as relações estabelecidas e o modo como se lida com a vida, a partir da narração da sua própria história. O instrumento disparador dos encontros foi a execução de dinâmicas de grupo e atividades com desenho, pintura e música.

No primeiro encontro foram utilizados materiais para desenhar, com o objetivo de cada participante fazer um autorretrato e depois se auto apresentar a partir do desenho. Percebeu-se que, enquanto se apresentavam, que cada um desenhou sua imagem a partir de elementos que eram importantes para si. Muitos se representaram na época que eram crianças, outros evidenciaram características do corpo que já não têm mais devido à passagem do tempo, assim como alguns desenharam objetos no lugar de um autorretrato. A oficina atingiu o objetivo de fazer com que, mesmo entre pessoas que já se conheciam, houvesse a possibilidade de expressão de algo que os outros não conheciam, e que o próprio sujeito não reparara até então como era importante falar e refletir sobre como enxergam a si mesmos.

A segunda oficina, por sua vez, envolveu música e memória. A ideia inicial era de que cada participante falasse uma música que foi importante no seu percurso de vida, ou que tenha marcado de alguma forma

 ISSN: 2795-559 · DOI: 10.61415/riage.364

sua história, e relatasse para a roda a lembrança a que a música remetia. As músicas seriam reunidas e tocadas ao final do encontro, porém na medida em que um participante falava uma música todos os outros, de forma espontânea, começavam a cantar. A atividade foi um resgate de diversas questões como: memórias, afetos, histórias que os atravessam, lembranças da infância e adolescência, lutos que ocorreram ao longo da vida. Conforme as histórias iam sendo contadas, as pessoas se identificavam e compartilhavam também suas vivências, apresentando-se espaço de acolhimento e escuta do outro.

"*Conversas para envivescer"*

O projeto de extensão "Conversas para envivescer" pautou-se na ideia de que o encontro com a velhice se dá por meio do discurso do outro e a escuta de pessoas que estão na faixa etária 60+ teve por objetivo reconhecer narrativas produzidas por essas pessoas sobre diversas formas de envelhecer.

Tendo por base especialmente a escuta psicanalítica, na construção da atividade priorizou-se dar suporte para que algo do sujeito do inconsciente pudesse advir, estimulando-se que os participantes falassem livremente. A equipe foi composta por em torno de 6 estudantes voluntários. Para a realização da oficina, o local escolhido foi o Campo de São Bento, espaço público e de ampla circulação na cidade de Niterói, Rio de Janeiro, Brasil. O convite para participação ocorria de modo aberto, como convite à população transeunte para uma conversa. Foi organizado um ambiente acolhedor e com a possibilidade para a escuta, visando a construção de narrativas e alguma compreensão sobre o processo de envelhecimento de cada sujeito.

Durante a prática da oficina, percebemos que o espaço construído, associado à disponibilidade e interesse dos estudantes pela escuta, potencializou o engajamento da população para com a atividade proposta, sendo possível identificar nas narrativas das pessoas 60+ os ganhos, perdas, lutos, angústias e desafios que surgem com o passar do tempo. Identificou-se também durante essas narrativas diversas a materialização de muitos dos conceitos que compõem o estudo coletivo, inclusive a existência evidente de sujeitos desejantes.

DISCUSSÃO

É notável, a partir da observação e por comentários dos participantes das oficinas dos três projetos, como o trabalho grupal causa efeitos sobre o sujeito. Mesmo nos grupos em que os participantes já se conheciam, como foi o caso da "Oficinas Artísticas e Terceira Idade", foi observado modificações na dinâmica já estabelecida, permitindo ao grupo acessar questões que anteriormente não tinham sido alvo de atenção. As oficinas e rodas de conversas com idosos são trabalhos que enriquecem nossa percepção sobre os mais diversos aspectos da vida, pois, com o correr do processo de envelhecimento os idosos relatam a perda dos espaços onde podiam se expressar, narrar acontecimentos e trocar experiências. Com a saída do mercado de trabalho, os lutos, por vezes acompanhados de adoecimento, contribuem para o isolamento do idoso, e estes sentem falta de um ambiente acolhedor e de pessoas dispostas a escutar suas histórias (Correa & Rozendo[5]).

 ISSN: 2795-559 · DOI: 10.61415/riage.364

Os resultados obtidos com as distintas oficinas corroboram estudos anteriores com grupos de idosos (Correa & Justo[2; 3] Bezerra; Baldin & Justo[3]; Baldin & Vidal[4]; Correa & Rozendo[5]), destacando-se a preocupação dos participantes em torno dos lutos decorrentes do processo de envelhecer, os quais têm relação com queixas de memória, perda do *status* social advindo da aposentadoria e a morte de companheiros e outras pessoas próximas.

O envelhecer a partir do espelho

Por acaso, surpreendo-me no espelho: quem é esse
Que me olha e é tão mais velho do que eu?
Porém seu rosto… é cada vez menos estranho…
Meu Deus, meu Deus… Parece
Meu velho pai - que já morreu!
Como pude ficarmos assim?
Mario Quintana, 1996.

Questões relacionadas à imagem refletida no espelho podem ser delicadas para os idosos. Na contemporaneidade, marcada pela hipervalorização do corpo jovem e da aparência perfeita, com padrões estéticos cada vez mais inatingíveis; perceber no próprio corpo as marcas deixadas pelo tempo pode acarretar grande sofrimento. Nesse contexto, podemos reafirmar a importância do reconhecimento da própria imagem diante do espelho para o processo de subjetivação (Correa & Rozendo[5;] Mucida[6]).

Por ser um processo longo e silencioso, o envelhecimento pode passar despercebido por anos. Muito facilmente reconhecemos a velhice no outro, embora não nos percebamos envelhecendo, até que algo ou alguém nos alerte disso. Logo, é esse outro externo que denuncia a passagem do tempo ao sujeito (Mucida[6]).

Ademais, os discursos presentes em nossa sociedade contribuem diretamente para uma espécie de rejeição coletiva do corpo que envelhece, ou seja, daquele corpo que perde agilidade, que já não apresenta contornos tão definidos e que carrega marcas visíveis da passagem do tempo. Essas representações estereotipadas tornam o envelhecimento algo repulsivo, dificultando o processo de ressignificação e a valorização do corpo na velhice (Correa & Rozendo[5]).

A exemplo, em uma das rodas de conversas, uma das participantes do "Antes tarde do que nunca" disse que só percebia que estava envelhecendo quando se olhava no espelho. Vale destacar que "o espelhamento é típico dos processos básicos de identificação pelos quais projetamos no outro a nossa própria imagem e recolhemos aquela que ele reflete de nós mesmos" (Correa & Rozendo[5], p. 55). Logo, a constituição do eu a partir do olhar do outro está na base da constituição dos relacionamentos e dos vínculos grupais e, quando essa imagem do espelho de agora se contrasta com aquela que o sujeito aprendeu ao longo de uma vida a reconhecer como sua, há um desencontro que pode ser bastante traumático (Correa & Rozendo[5]).

Sendo o corpo a base material para existência de um sujeito, é nele que se deposita a identidade de um sujeito, constituída a partir das marcas do passar do tempo, sejam elas visíveis ou não. É também no

corpo que se marcam os estigmas que circundam a velhice (Mucida[6]). No que diz respeito a uma sociedade que cultua o corpo jovem, não são bem vistas as marcas do tempo, tal como rugas, manchas, ressecamentos, flacidez e diversas deficiências que decorrem do envelhecimento (Correa & Rozendo[5]). Dadas essas demandas sociais de valorização do corpo jovem, ágil; não raro, "ao invés de tentar impor as condições objetivas do seu corpo e defender uma estética capaz de apreciá-lo e valorizá-lo, o idoso se refugia e se fixa na ideia de que possui um espírito ainda jovem" (Correa & Rozendo[5], p. 54).

A cultura atual procura afastar a dor e o sofrimento, exaltando, em contrapartida,

o prazer e a satisfação imediatos (BIRMAN, 1999). Os mais velhos viveram um tempo no qual o hedonismo não era moda, ao contrário, havia uma crença e valorização do esforço, do sacrifício, da renúncia e até mesmo do sofrimento. Por isso mesmo, para eles, a promessa de felicidade embutida nas imagens da sociedade do consumo é deveras atraente e sedutora. Afinal, a propaganda apresenta a felicidade ao alcance das mãos, bastando se dispor a pagar por ela, como se fosse mais um produto à venda numa gôndola de supermercado (Correa & Rozendo[5] , p. 60).

Trazer à cena essa problemática, que coloca o fenômeno do envelhecimento como algo extremamente complexo, embora também seja natural, cria uma demanda social por debates que pluralizam esse processo, de modo que se evidencie que a busca pela felicidade, tão prometida pelo capital, apareça como uma imposição perversa que desconsidera qualquer subjetividade, assim como transforma a felicidade em mercadoria (Correa & Rozendo[5]).

Ademais, "problematizar os paradigmas da contemporaneidade junto aos idosos é extremamente importante e valioso para modificar o sentimento que normalmente carregam de serem extemporâneos e não conseguirem uma boa adaptação aos avanços dos 'tempos modernos'" (Correa & Rozendo[5], p. 60), desculpabilizando-os por não alcançarem padrões de vida inatingíveis ou insustentáveis.

A velhice como estádio do espelho partido

Em uma perspectiva psicanalítica, sob a qual nos orientamos, Jack Messy[7] faz uma nova leitura do estádio do espelho de Lacan voltado para a compreensão da velhice. Ele aponta que, se na visão original de Lacan, a criança se constitui sujeito a partir da apresentação por parte do outro-mãe à sua imagem refletida no espelho, na velhice, por outro lado, é como se esse espelho se partisse e o olhar do outro apresentasse uma imagem em um espelho partido. A partir da imagem de um outro, mais velho do que até então era possível àquele sujeito se reconhecer sendo, o espelho lhe precipita à morte.

A precipitação do sujeito ao espelho partido na velhice, diferentemente da criança, não é valorosa, mas aflitiva, representante da decadência e enfeamento relativo à velhice, uma projeção do eu denominada de ego feiura (Messy[7]). Em termos de ilustração a essa teorização, em um dos encontros da oficina "Antes tarde do que nunca", uma participante expressou sua opinião e fez um questionamento às

 ISSN: 2795-559 · DOI: 10.61415/riage.364

demais participantes: *"envelhecer é uma merda, vocês não acham?"*. As respostas que surgiram de sua indagação mostraram como a experiência de envelhecer é vivida de maneira singular, embora sempre apresente suas dificuldades. Uma das participantes concordou que envelhecer é um desafio, especialmente pelas mudanças no corpo, que pode ser difíceis de aceitar. Outras participantes, por outro lado, afirmaram que o envelhecimento faz parte do ciclo natural da vida e procuram encará-lo como *"um movimento da vida"*.

O trabalho com a memória e o reconhecimento de si

No projeto "Antes tarde do que nunca", em uma dinâmica em que cada participante escolhia um *post-it* com uma data escrita (anos 1950, 1960, 1970 e etc.) para na sequência compartilhar histórias desse período, uma das participantes demonstrou preocupação com a perda da memória. Para ela *"a pessoa entra na velhice quando começa a perder a memória"*.

Já no projeto "Oficinas Artísticas e Terceira Idade", algumas memórias foram compartilhadas. Na primeira oficina, uma das participantes desenhou-se na adolescência e, ao se apresentar, destacou a marca que o tempo deixou, expressando um sentimento de luto pela juventude: através de uma fala, em suas próprias palavras, disse que "*o tempo levou a boca que eu tinha*", remetendo à espontaneidade da juventude. Na segunda oficina, por sua vez, observou-se a música como possibilitador do resgate de memórias. Nesse contexto, uma das participantes, logo no início, antes da atividade ser proposta, relatou que não queria falar sobre temas sensíveis, que não queria chorar naquele dia. No entanto, assim que a atividade de escolher uma música marcante foi apresentada, a mesma se prontificou a contar sobre a música que a mãe cantava para ela dormir quando era bebê, compartilhando com o grupo, em lágrimas, essa lembrança da mãe já falecida e a saudade do sentimento de acolhimento que a música a remete.

Se "o idoso é visto e se vê como portador da experiência, do passado, de heranças acumuladas ao longo da vida: é o guardião da história" (Justo; Correa & Rozendo[5], p. 85), a perda da capacidade de evocar e reconstruir memórias conduz o sujeito a um esvaziamento de si, acelerando o processo de desvitalização e redução de sua potência de vida. As histórias vividas em nossas memórias não estão cristalizadas e finalizadas, elas são consideradas trabalho, uma vez que no momento em que as evocamos iniciamos um processo de reconstrução do que foi vivido (Bosi[8]).

O passado e a memória não são estáticos, não são silos inertes que simplesmente armazenam e mantêm intactos os registros dos fatos, acontecimentos e experiências da vida da pessoa. Passado e memória são ativos e dinâmicos: recompõem os registros a cada nova vivência que se conecte com vivências anteriores, emprestando sentido ao novo e, ao mesmo tempo, modificando, à luz das novas vivências, os sentidos das experiências passadas (Bosi[8], p. 70).

Vale considerar que é pelo outro que a memória é evocada, desde que haja espaço para a escuta[8]. A memória se trata da capacidade de atualizar as experiências do passado no presente, uma forma do sujeito se assenhorear de si, firmar-se no

 ISSN: 2795-559 · DOI: 10.61415/riage.364

presente, a partir da história que construiu até aqui. Não se trata, portanto, de um saudosismo, em que o sujeito ficaria preso na experiência do passado, mas um direcionamento daquilo que se viveu para o presente (Mucida[9]).

Especialmente nos encontros das oficinas "Antes tarde do que nunca" e "Oficinas Artísticas e Terceira Idade", que tinham uma continuidade, foi possível perceber a importância desse espaço para os participantes, que compartilharam tanto histórias há muito adormecidas em suas memórias, quanto acontecimentos recentes. A cada encontro, os participantes traziam, com carinho, novas histórias para dividir com o grupo. É na relação com o outro que a experiência narrativa se concretiza, tornando-se parte do processo de subjetivação (Messy[7]). Logo, trabalhar com oficinas que propiciam o resgate de experiências vividas no passado se mostra uma tentativa de diminuir a velocidade dos dias atuais, em que tudo corre no tempo do capital, e retornar ao presente algo da experiência que se constituiu no passado (Justo; Correa & Rozendo[5]).

A ausência desse espaço de escuta pode levar à perda da capacidade de relembrar e construir novas narrativas (Justo; Correa & Rozendo[5]), não necessariamente tendo relação com processos cognitivos. Nesse sentido, vale destacar que como nossa ferramenta central é a da escuta psicanalítica, a prioridade durante a oficina foi perceber o desvelar do sujeito do inconsciente. Sujeito esse que não reconhece o tempo cronológico, mas que é atravessado e marcado por ele no seu processo de construção subjetiva (Silva & Baldin[10]).

Diversos são os impactos da falta de espaço para os lutos (Mucida[9]). Estes são entendidos como perdas de quaisquer ordens e "marcadas sobretudo no corpo, com buracos substanciais sobre a consistência imaginária e sob um predomínio de um real sem o amparo das palavras e de atos para tecer o luto - impera a demissão dos tempos, sem atualização da memória" (Mucida[9], p. 101). Como consequência, é necessário perguntar do que é que um sujeito não quer se lembrar quando "perde" a memória. Seriam os grupos, portanto, excelente espaço para essas vivências, onde "privilegiar a memória, o tempo, a história é desacelerar a velocidade do mundo atual e fazer penetrar no presente as ondas do passado" (Justo; Correa & Rozendo[5], p. 56).

As oficinas com idosos como espaço de escuta e elaboração para o envelhecer

Debates sobre temas paradigmáticos da contemporaneidade junto aos idosos trazem inúmeros benefícios (Justo; Correa & Rozendo[5]). Vivemos em uma cultura onde tudo se transforma em mercadoria, seja um objeto ou uma ideia. A lógica capitalista domina e captura nossas percepções da realidade, exaltando a busca pelo prazer imediato, rejeitando as dores, os sacrifícios e os sofrimentos (Birman[11]).

A terceira idade é uma das vítimas da sobrecarga imposta ao corpo. Os estigmas que invalidam o corpo envelhecido fazem com que o idoso assuma como dificuldades ou limitações suas aquilo que é exageradamente imposto por uma sociedade tão competitiva, produtivista e exploradora que não poupa sequer o corpo envelhecido para maximizar o lucro (Corre; Justo & Rozendo[5], p. 54).

 ISSN: 2795-559 · DOI: 10.61415/riage.364

Nessa sociedade hedonista busca-se vender a ideia de uma "velhice plena e feliz", sob a tentativa de resumir essa experiência em frases positivadas como a criação do termo "feliz idade" (Correa[12]) parece ser uma forma de evitar a abordagem de temas complexos e profundos, como a vulnerabilidade a estados depressivos severos, que podem fazer parte do processo de envelhecimento quando não se faz autorizado ao sujeito envelhecer (Justo; Correa & Rozendo[5]). Logo, a construção de espaços em que as dores também possam se fazer presente não deixa de ser algo subversivo à expectativa social acerca da velhice.

[...] ao mesmo tempo em que a sociedade potencializa a longevidade, ela nega aos velhos o seu valor e sua importância social. Vive-se em uma sociedade de consumo na qual apenas o novo pode ser valorizado, caso contrário, não existem produção e acumulação de capital. Nesta dura realidade, o velho passa a ser ultrapassado, descartado, ou já está fora de moda (Schneider & Irigaray[13], p. 587).

Com o decorrer dos encontros, por outro lado, observamos homens e mulheres com idade a partir de 60 anos, participantes de grupos diversos de convivência, com inúmeras histórias para contar. Não apenas aquelas do tempo que se passou, mas também narrativas que apontam para projetos diversos a acontecer na vida.

CONCLUSÃO

Problematizar as consequências do envelhecer com os idosos e promover espaços de encontro onde possam compartilhar suas dores, dificuldades e percepções sobre suas próprias experiências de envelhecimento é fundamental para a aquisição de recursos para enfrentar os mais diversos desafios advindos dele. Também a amizade criada a partir da constituição de grupos traz consequências valiosas. Na velhice, boa parte desses vínculos se constroem fora do ambiente familiar, mas em oficinas, viagens e em outros grupos que se formam com objetivos específicos, mesmo que pontuas, pois criam um sentimento de pertencimento, aspecto fundamental para um envelhecimento com potencialidades.

Vale ressaltar, ainda, que trabalhos como este nos indicam o quanto concepções que apresentam a velhice como um momento mais propício a doenças, incluindo quadros depressivos, podem estar equivocados quando pessoas idosas conseguem acessar redes protetivas. O ato de narrar é bastante cultivado pelos idosos, meio de apropriação, pela linguagem, da própria história pessoal, e um modo de interligar-se a outros, no coletivo. De forma alguma se trata de um simples lembrar fatos, muito mais identificado com um ato político de questionamento do papel da velhice em nosso contexto social contemporâneo.

Aos extensionistas, por sua vez, embora em sua maioria muito mais jovens que os participantes das oficinas, mas que também se percebem envelhecendo, os encontros propiciaram novos olhares para o envelhecimento, que pode se manifestar das mais diversas formas.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos à Faculdade Maria Thereza pela bolsa de pesquisa ao estudante

Bruno Mathias Santos e à professora Dra. Talita Baldin.

REFERÊNCIAS

[1] Cypreste, J. (2024) Idosos deixam de ser a menor parcela da população e já superam faixa de 15 a 24 anos, diz IBGE. *G1*, ago, 2024. Disponível em: https://g1.globo.com/economia/censo/noticia/2024/08/22/idosos-populacao-jovens.ghtml Acesso em: 03 de março de 2025

[2] Correa, M. R., & Justo, J. S. (2010). Oficinas de Psicologia: memória e experiência narrativa com idosos. *Estudos Interdisciplinares em Psicologia*, *1*(2), 249-256. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2236-64072010000200009 Acesso em: 26 mar. 2025

[3] Bezerra, P. V., Baldin, T., & Justo, J. S. (2015). Oficinas de Psicologia com idosos e as possibilidades de ressignificações do presente e futuro. *Revista Kairós-Gerontologia*, 18(3), 433–455. https://doi.org/10.23925/2176-901X.2015v18i3p433-455

[4] Baldin, T., & Vidal, P. E. V. (2018). Velhice e Institucionalização: Cenas da vida no abrigo. *Revista Kairós-Gerontologia*, *21*(1), 479–494. https://doi.org/10.23925/2176-901X.2018v21i1p479-494

[5] Justo, J. S.; Correa, M. R.; & Rozendo, A. S. (2021). Envelhecimento e grupos: teoria e prática. Curitiba: CRV.

[6] Mucida, A. (2014) *O sujeito não envelhece:* Psicanálise e velhice. Belo Horizonte, MG: Autêntica.

[7] Messy, J. (1992) *A pessoa idosa não existe.* São Paulo: Aleph.

[8] Bosi, E. (1994) *Memória e Sociedade:* lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras.

[9] Mucida, A. (2009) *Escritas de uma memória que não se apaga.* Envelhecimento e velhice. Belo Horizonte, MG: Autêntica.

[10] Silva; D. M.; & Baldin, T. (2023) "O Sujeito da psicanálise não envelhece", mas seu corpo sim: a cura enquanto sintoma. *Envelhecimento Humano e Contemporaneidade:* tópicos atuais em pesquisa. Editora Científica. Disponível em: https://downloads.editoracientifica.com.br/articles/230513071.pdf Acesso em: 26 mar. 2025

[11] Birman, J. (1999) Mal-estar na atualidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

[12] Correa, M. R. (2009) *Cartografias do envelhecimento na contemporaneidade:* velhice e terceira idade. São Paulo: Cultura Acadêmica.

[13] Schneider, R. H.; & Irigaray, T. Q. (2008) O envelhecimento na atualidade: aspectos cronológicos, biológicos, psicológicos e sociais. *Estudos de Psicologia,* Campinas, 25(4), 585-593.